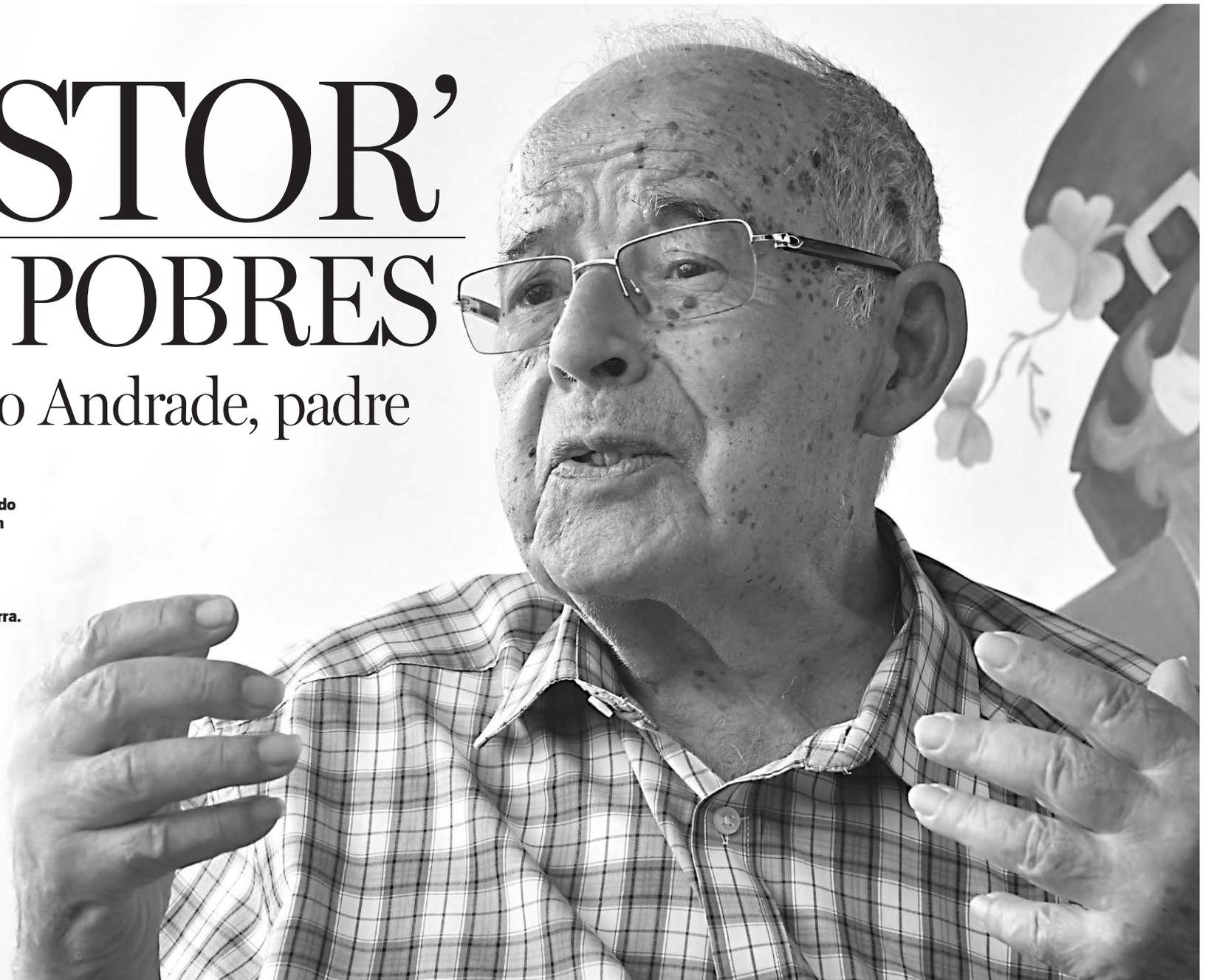


● ENTREVISTA

'PASTOR' DOS POBRES

Bernardino Andrade, padre

Bernardino Andrade é o fundador do grupo 'Gente Ajudando Gente', um projecto que vai ao encontro dos mais frágeis e 'excluídos', à semelhança do seu padroeiro, o Bom Pastor, que recentemente ganhou um oratório no Paul da Serra.
FOTOS RUI A. SILVA/ ASPRESS



ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

Reza a história – narrada no décimo quinto capítulo do Evangelho de Lucas no Novo Testamento da Bíblia – que o Bom Pastor tinha cem ovelhas, mas que, ao aperceber-se do desaparecimento de uma delas, acomodou as outras 99 no redil e foi em busca da sua ‘ovelha perdida’.

A passagem tem orientado Bernardino Andrade ao longo dos seus 55 anos de sacerdócio e foi precisamente com este intuito – de ir ao encontro dos mais frágeis e ‘excluídos’ – que, em 2010, fundou o grupo ‘Gente Ajudando Gente’, uma associação que dá resposta àqueles que a “burocracia” exclui do circuito ‘normal’ das instituições de solidariedade social.

Na base de tudo isto está uma visão crítica em relação à sociedade actual e à própria Igreja – enquadrada pelas suas experiências em Moçambique e nos Estados Unidos – que partilhou com o DIÁRIO numa conversa sobre o “tabu da pobreza” e sobre as “babozeiras” que nos fazem falta.

No passado dia 12, o padre, de 82 anos, natural da Ponta do Sol, concretizou o sonho de ver instalado no Parque de Merendas da Bica da Cana, no Paul da Serra, um Oratório dedicado a Jesus Cristo Bom Pastor. A bênção da imagem foi presidida pelo bispo do Funchal, D. Nuno Brás, e contou com a presença de autoridades do concelho e regionais.

O projecto ‘Gente Ajudando Gente’ surge há 10 anos, precisamente porque foi constatando, ao longo do seu percurso, que existia um excesso de burocracia na ajuda aos mais necessitados? Estava eu, um dia, à tarde, na loja do cidadão, uma senhora ainda jovem aproximava-se de mim, porque me reconheceu como padre e, com uma cara de desespero, diz: “Por favor, padre, ajude-me a arranjar um trabalhinho. Seja o que for. Há três dias que a única coisa que tenho para dar aos meus filhos para comer são folhas de goiabeira fervidas”. Fiquei mais angustiado do que ela. Onde haveria àquelas horas uma instituição aberta? Para onde mandá-la? Quantos papéis lhe pediriam? Qual a instituição que simplesmente lhe

SACERDOTE CRÍTICA ‘SOCIEDADE DA IMAGEM’, INSTITUIÇÕES QUE JULGAM ANTES DE AJUDAR E PEDE IGREJA MAIS ABERTA AO MUNDO

daria comida para os filhos sem fazer mais perguntas?

(...) Outra vez veio ter comigo uma rapariga e disse: “Fui a um lugar com o meu filho, mas não me quiseram dar leite nem fraldas, porque ele já fez um ano”. Fui lá [à instituição] e disseram-me que era verdade [só apoiavam crianças até aos 12 meses]. “E não há outra alternativa?”, perguntei. “Não”, foi a resposta.

O ‘Gente Ajudando Gente’ surge a partir de várias histórias, como estas.

O que é que entidades regionais ou as IPSS poderiam fazer, além daquilo que

já fazem? Não sei a resposta, mas acho que a primeira coisa era sentarem-se com eles e conversar, mas não atrás de uma secretária. Não sou eu, o especialista que aprendi numa universidade, que agora vou ensinar um pobre como é que ele se deve libertar. Eles é que me vão dizendo aos poucos.

Vou dar um exemplo: há um senhor que vem ao domingo pedir esmola ao pé da minha capela e as pessoas dão-lhe um troquinho. No fim da missa costumamos ter bolo, então um paroquiano foi lá e deu-lhe um bocadinho de bolo, porque ouviu dizer que ele usava o dinheiro para beber cerveja. Ou seja, resolveu o problema dele, mas será que ele parou de beber cerveja?

Eles [instituições] fazem a mesma coisa. Resolvem o seu problema. Fazem uns questionários grandes, envergonham a pessoa com perguntas e mais perguntas (...)

A madre Teresa de Calcutá dizia: “Quem começa por julgar não tem tempo para amar”. Que as associações não comecem por julgar, comecem por amar.

Há pouco tempo estava num lu-

gar e a encarregada da distribuição das refeições, chamou-me para tomar um café com uma senhora e o filho de 8 anos. Tinham vindo da tal instituição. Tinham chamado por ela para dizer “temos comida para ti”, mas foram ao computador e – através do cruzamento de dados – viram que na semana anterior já lhe tinham dado qualquer coisa... os sacos ficaram todos no chão. Não perguntaram à criança se tinha fome. Foram perguntar ao cruzamento de dados.

Uma pergunta que eu ainda vou fazer a um advogado é: quanto dinheiro é que temos de ter no banco para ter protecção de dados?

Os pobres não têm direito a protecção de dados. Para os pobres é cruzamento de dados. Eu que pertenço a uma instituição posso ligar para outra instituição e perguntar quem é que foi lá pedir e o que é que lhe deram, porque é pobre! Se fosse rico, eu ia para a cadeia.

Não acha que é por uma questão de organização e de não duplicação de ajudas na distribuição dos recursos disponíveis? Se eu soubesse que